

FR**ONTEIRAS**
DO PENSAMENTO

**O MUNDO EM
DESACORDO**
DEMOCRACIA E GUERRAS CULTURAIS

**JOSHUA
GREENE**

FR**NTEIRAS**
DO PENSAMENTO

TEMPORADA 2018

Expediente

Fronteiras do Pensamento® Temporada 2018

Curadoria

Fernando Schüler

Assistente da Curadoria

Eduardo Wolf

Gestão

Júlia Neiva

Direção Comercial

Pedro Longhi

Atendimento

Beatriz Gregório

Marketing

Karina Roman

Coordenação Editorial

Luciana Thomé

Equipe

Denise Donicht
Francisco de Azeredo
Michele Marten

Pesquisa

Juliana Szabluk

Design

Fernanda Toniuzzi

Editoração

Gustavo Gomes

Revisão Ortográfica

Renato Deitos

www.frenteiras.com

O MUNDO EM DESACORDO

DEMOCRACIA E GUERRAS CULTURAIS

PARA BUSCARMOS O ACORDO, A TOLERÂNCIA E A HARMONIA

Construir consensos é um ideal indissociável das *democracias*. Ao contrário dos regimes de força, que impõem visões de mundo únicas, democracias contemplam uma pluralidade de modos de vida, de *identidades* coletivas e individuais, com seus anseios, suas aspirações e suas urgências. É apenas na democracia, graças ao debate público, ao esclarecimento e ao convencimento do outro, que variadas identidades formam arranjos de majorias e minorias para buscar o acordo, a tolerância e a harmonia.

Contudo, o que ocorre quando identidades religiosas, raciais, de gênero ou de comportamento e cultura tornam-se tão radicalizadas que a sociedade não encontra mais o consenso? O que acontece quando reinam a intolerância e o extremismo onde deveriam triunfar os direitos de todos, o respeito mútuo e a igualdade na diferença? Quando a sociedade envereda por esse caminho – o caminho das *guerras culturais* –, é a própria democracia que corre riscos.

Já faz meio século que políticas de ações afirmativas e movimentos identitários têm sido parte essencial da busca por uma sociedade baseada em direitos e oportunidades para todos. O problema surge quando um tipo qualquer de identidade produz seus próprios critérios de superioridade moral e exclusão do outro, inviabilizando os acordos e consensos mínimos que garantem a vida e a força

das sociedades democráticas modernas. Mark Lilla, da Universidade de Columbia, afirma que “o progressismo norte-americano anda imerso em um tipo de pânico moral em função de temas de gênero, raça e identidade sexual”. O mesmo poderia ser dito sobre diferentes formas de conservadorismo.

As guerras culturais marcam a migração dos temas éticos para o centro do debate público. O sentido e os limites da arte, a natureza do casamento e da família, o papel da mulher e do homem na sociedade passam a ser matéria de acirrado debate político, partidário e governamental, não mais se restringindo à esfera dos indivíduos ou da sociedade civil. Sobre esses temas não haverá acordo em uma “grande sociedade” plural.

O filósofo e neurocientista de Harvard, Joshua Greene, fala de uma “tragédia da moralidade do senso comum” para tratar do desacordo nas democracias contemporâneas. Somos talhados para viver em “tribos morais”, não em um universo cosmopolita. Uma ética global ainda está para ser construída. Este é, em boa medida, o desafio de nosso tempo.

A agravar essa situação há o papel das mídias sociais. No lugar da grande ágora global, que no final do século passado prometia o aprofundamento do diálogo entre os diferentes, o que emergiu de fato assemelha-se mais a um tipo de guerra hobbesiana de todos contra todos, impedindo os consensos e minando instituições democráticas.

Explorar esses temas, celebrar a diferença sem perder a dimensão do diálogo, decifrar os mistérios da guerra cultural e o atual estado da democracia global serão alguns dos desafios do *Fronteiras do Pensamento* em 2018.

CONFERENCISTAS

TEMPORADA 2018

JOSHUA GREENE

(Estados Unidos, 1974)

Psicólogo, neurocientista e filósofo norte-americano. Professor e pesquisador da Universidade de Harvard, é reconhecido por seu trabalho sobre como a racionalidade e a emoção afetam as decisões morais.



“No problema básico da cooperação com pessoas próximas, gente, por assim dizer, da nossa própria tribo, as emoções morais funcionam bem. Mas nossas emoções morais não evoluíram para solucionar problemas que dizem respeito aos outros. Só a intuição é insuficiente para nos informar sobre o que é certo fazer em relação ao aquecimento global, às guerras entre nações ou à distribuição de renda. Diferentes grupos, diferentes tribos, digamos, têm soluções diferentes para cada um desses problemas. Os libertários extremos sustentam que toda decisão é individual. Os comunistas acreditam que o indivíduo deve se submeter à vontade coletiva. Os religiosos vão jogar a decisão para seu líder. Quem está certo? Quando a questão é ‘eu versus nós’, cada tribo está certa. Mas, quando a questão é ‘nós versus eles’, tudo se complica. Nesses casos se encaixa a maioria dos dilemas modernos, pois são justamente aqueles em que cada tribo estar certa perante si própria não resolve o problema. Aliás, só o agrava.”

(*Revista Veja*, março de 2014)

Greene é reconhecido por seu trabalho sobre como a racionalidade e a emoção afetam a tomada de decisão moral. Professor de psicologia, é membro do Center for Brain Science e diretor do Greene Lab na Universidade de Harvard. Suas pesquisas envolvem as áreas de intersecção entre a filosofia, a psicologia e a neurociência.

DESTAQUES

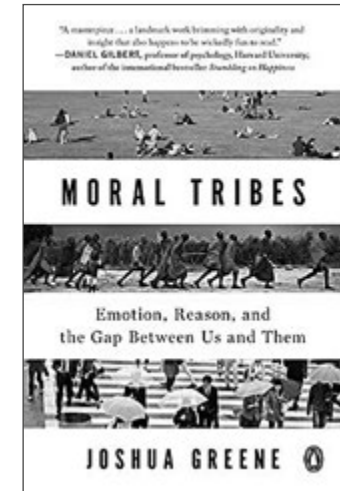
Autor do livro *Moral tribes: emotion, reason, and the gap between us and them*, ele e seus colegas sugerem que os julgamentos morais são determinados tanto por respostas automáticas e emocionais quanto por soluções controladas pelo raciocínio consciente. Além disso, ele alia a teoria do julgamento dual à psicologia evolutiva e à neurociência, para explorar como as intuições éticas se manifestam na contemporaneidade. Ou seja, enquanto o mundo moderno obriga a convivência de diferentes grupos e culturas em um mesmo espaço, as linhas morais que nos separam se tornam mais salientes e desafiadoras.

Em 2012, venceu o Prêmio Stanton da Sociedade de Filosofia e Psicologia, e, em 2013, foi agraciado com o Prêmio de Harvard Roslyn Abramson, por sua excelência no ensino.

Para Joshua Greene, os maiores problemas sociais – guerras, terrorismo, destruição do meio ambiente – surgem da nossa tendência de aplicar o “senso comum” aos problemas da vida moderna. Segundo ele, a psicologia e a neurociência podem ajudar a arbitrar o debate metaético entre realismo (ou objetivismo) e subjetivismo moral.

Os atuais conflitos culturais e identitários, em que grupos de minorias étnicas, religiosas, sexuais ou culturais vão da reivindicação de direitos à exigência de que outros grupos se pautem por seus valores, refletem estas tensões entre tais posições morais. As guerras culturais seriam, assim, um caso desses conflitos do “nós vs. eles” que Greene tão bem examina em seu livro.

Em seu livro *Moral tribes: emotion, reason and the gap between us and them*, Joshua Greene fala sobre o processo dual e as intuições éticas na atualidade. Por exemplo, demonstra como, em uma situação de investimento coletivo, as pessoas estão mais propensas a fazer o que é melhor para o grupo quando estão sob pressão de tempo ou quando seguem os seus instintos. Ao passo que, quando há cálculo racional, o espírito de cooperação diminui.



Contudo, em questões relacionadas à harmonia entre grupos, a intuição automática se torna um problema, que o psicólogo e neurocientista chama de “a tragédia da moral do senso comum”. A mesma lealdade que aparecia dentro de um grupo leva à hostilidade entre grupos diferentes. Como resposta, Greene sugere uma “metamoralidade” baseada em um valor com o qual todos concordem.

Em seu trabalho, Greene argumenta que a tensão central na ética entre a deontologia e o consequencialismo reflete as influências competitivas entre esses dois tipos no processo dos julgamentos morais. A deontologia é uma das teorias normativas segundo a qual as escolhas são moralmente necessárias, proibidas ou permitidas. E o consequencialismo é uma teoria ética que defende que o fator decisivo da ação moral não é a intenção, o procedimento ou a norma, mas, sim, o resultado. Desta forma, enquanto os julgamentos deontológicos estão relacionados às respostas automáticas e emocionais, os julgamentos consequencialistas estão relacionados ao raciocínio consciente e ao processo de controle cognitivo.



Em dezembro de 2013, Joshua Greene foi entrevistado pela *New Scientist*. Na pauta, abordou as questões morais cotidianas e ressaltou que nosso cérebro não foi capacitado para lidar com as questões contemporâneas de forma automática. Por isso, é essencial refletir antes de falar ou agir. “Compartilhar um senso comum moral com as pessoas de onde você mora ajuda a constituir uma comunidade. Mas essas reações viscerais variam de um grupo para o outro, o que torna mais difícil se relacionar com outros grupos.”
<https://is.gd/JGreene1>

<https://www.fronteiras.com/entrevistas/joshua-greene-esse-e-o-problema-moral-moderno-nos-contras-eles>

“Hoje, nós temos uma melhor compreensão biológica e psicológica do nosso pensamento moral. Podemos realizar experimentos para revelar suas peculiaridades e inconsistências. O princípio de que deveríamos fazer aquilo que maximiza a felicidade soa bastante razoável, mas muitas vezes entra em conflito com nossas reações viscerais. Os filósofos passaram mais ou menos o último século inteiro buscando exemplos em que a nossa intuição opera em contrariedade com essa ideia, e interpretaram isso como um sinal de que há algo de errado com essa filosofia. Mas, quando analisamos a psicologia por trás desses exemplos, eles se tornam menos contundentes. Uma alternativa seria entender que nossas reações viscerais nem sempre são confiáveis.”
(*New Scientist*, dezembro de 2013)

Em palestra, proferida em maio de 2014 no Google Talks, Greene explicou sobre racionalidade, emoções e quais são as nossas raízes que definem o modo como agimos e tomamos nossas decisões. O tópico principal da fala foi o livro *Moral tribes*, que analisa os modos pelos quais tomamos nossas decisões morais e qual o papel da razão e das emoções nesse processo.

<https://is.gd/JGreene2> (em inglês)

https://www.youtube.com/watch?v=VaoTKurrn_1k&feature=youtu.be



PARA DEBATER E CONHECER O MUNDO

Há mais de uma década, a trajetória do *Fronteiras do Pensamento* privilegia as ideias, valoriza o conhecimento e fornece algumas das principais chaves para a compreensão do mundo e das suas complexidades.

A cada temporada, um time de pensadores e profissionais reconhecidos apresenta suas próprias inquietações e provocações para que, a partir de um conjunto múltiplo e diverso, possamos traçar novas discussões, fomentar novas buscas, iluminar dúvidas e certezas e descobrir novos caminhos.

O projeto, após suas mais de duas centenas de conferências internacionais e nacionais realizadas, mantém vivo o seu convite ao diálogo. Especialmente no período atual, em que encontrar consensos ao mesmo tempo em que se valoriza particularidades é um dos grandes desafios.

Braskem apresenta

WWW.FRONTEIRAS.COM



fronteirasweb



fronteiraspoa

FR**NTEIRAS**
DO PENSAMENTO